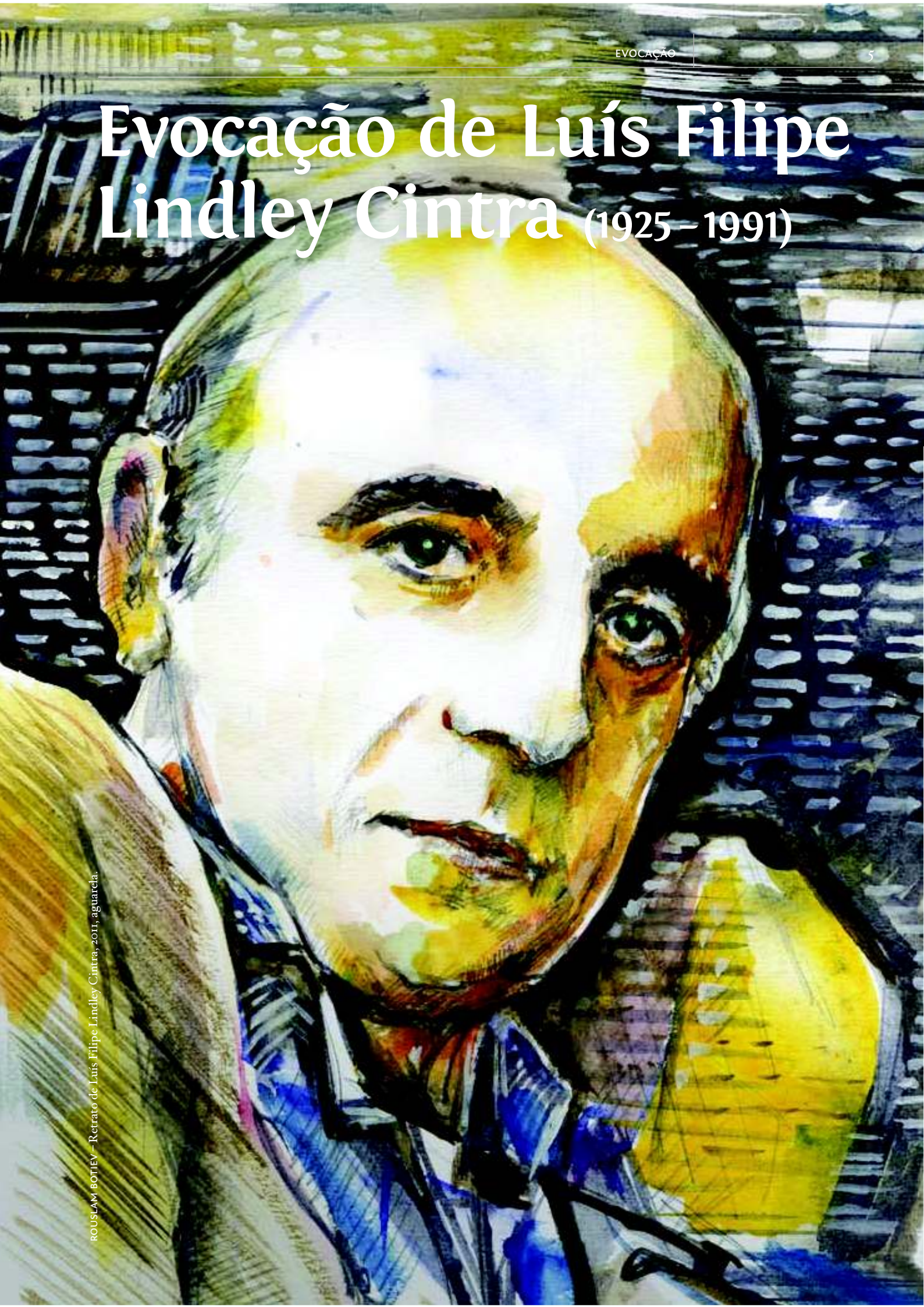


# Evocação de Luís Filipe Lindley Cintra (1925 – 1991)

ROUSLAM BOTIEV – Retrato de Luís Filipe Lindley Cintra, 2011, aguarela.





Sem dúvida uma das grandes figuras da Cultura Portuguesa do século XX, Cintra impôs-se, especialmente, à consideração das pessoas cultas, de modo particular de quantos se dedicam ao ensino e investigação na área de língua portuguesa e seu relacionamento com as outras línguas românicas, e de quantos, levados pela sua consciência cívica não se conformavam com a situação política de ditadura em que o país vivia e, sobretudo, com a guerra no chamado Ultramar. Estas foram, certamente, as duas facetas mais relevantes da sua personalidade como intelectual e cidadão interveniente.

**Como professor e especialista** na área da filologia e da linguística portuguesa, em geral, Lindley Cintra notabilizou-se por vasta produção que a excelente bibliografia organizada por Ivo de Castro e pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa para o Instituto Camões testemunhou. Bibliografia essa que compreende nada menos de oitenta e quatro títulos, dentre os quais são especialmente relevantes a *Crónica Geral de Espanha de Afonso X*, *A Linguagem dos Foros de Castelo Rodrigo*, a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, elaborada com Celso Cunha, e ainda as pesquisas feitas para a publicação do *Atlas Linguístico da Península Ibérica*.

Para este último trabalho, em especial, e para outras pesquisas de campo, Cintra preparou os seus alunos para as mais variadas monografias linguístico-sociais, ensinando assim muita coisa sobre a língua portuguesa, e não menos sobre a condição rural. Aliás, este tipo de estudo e ensino situado da língua o levou a adotar em Portugal o famoso método de alfabetização do brasileiro Paulo Freire, aplicado em várias localidades do país, por exemplo, pelo “Movimento Graal”. Através dele não só se fazia uma alfabetização formal, mas uma verdadeira literacia, em que as palavras comprometem os aprendentes a observarem as realidades sociais, religiosas, políticas, etc.

Pedagogicamente, Cintra era um verdadeiro sedutor que entusiasmava todos os seus alunos, como me foi possível observar como seu Assistente, antes de passar para o pelouro de outro grande mestre, Vitorino Nemésio.

Aliás, a sua própria figura de homem alto, simpático, persuasivo, de uma delicadeza a toda a prova, e com sentido de humor (eram clássicas as suas alfinetadas com que amigavelmente às vezes espezitava Jacinto do Prado Coelho, ou Pina Martins, que sabiam sorrir e não levar a mal) cativava toda a gente.

Sobretudo a solidariedade com colegas e alunos que o levaram, por exemplo, a fazer interessantes excursões por Lisboa, para dar a conhecer a história e a arte da cidade, ou os convívios em que se cantava, entre baforadas de riso, o

famoso hino de sua autoria “Filinto Elísio da velha guarda”.

Por direito próprio, Cintra pertencia àquele grupo que ainda hoje apelidamos de grandes Mestres, num tempo em que a relação Mestre-discípulo era um facto, criando não só uma relação pessoal de bom convívio e de trabalho, mas aproximando também os seus alunos de outros Mestres da faculdade com quem ele convivia, participando nós um pouco desse convívio: com Hernâni Cidade (já no fim da sua docência), Vitorino Nemésio, Jacinto do Prado Coelho, David Mourão-Ferreira, Orlando Ribeiro, Viegas Guerreiro, Rebelo Gonçalves, Paiva Boléo, Herculano de Carvalho, Borges de Macedo, Padre Manuel Antunes e outros.

E, ainda por extensão, o conhecimento de outros Mestres estrangeiros, no tempo em que havia essa espécie intelectual, hoje praticamente extinta, dos “lusitanistas” (não me refiro aos atuais da Associação desse nome). Eram eles personalidades notáveis, que nos seus países geriam Departamentos de Português, tomavam iniciativas de grandes congressos, estavam em frequente contacto connosco, e sobretudo, com o Instituto Icalp/Camões.

Só não menciono os seus nomes por serem mais de uma vintena para não correr o risco de omissões injustas. Pertenciam eles aos principais centros intelectuais europeus e da América, assim quantificados por ordem decrescente de número: em França, no Brasil, em Itália, em Espanha, na Alemanha. Com eles mantínhamos algum contacto, devido, em boa parte, aos incentivos de Lindley Cintra.

O seu dinamismo levou-o também a organizar vários Congressos Internacionais, quer sobre estudos luso-brasileiros quer, mais especialmente sobre questões filológicas e linguísticas.

Mas, no campo da língua, verdadeiramente notável foi o seu contributo para a elaboração do “Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa”, negociado no Rio de Janeiro, na Academia Brasileira de Letras, em 1986, e que atualmente está a entrar em vigor. Acordo este que o teve como coordenador da equipa portuguesa formada também por Maria

Helena Rocha Pereira, Costa Ramalho, Lurdes Belchior, Malaca Casteleiro e eu próprio, tendo-se verificado um excelente entendimento com a equipa brasileira representada por Antônio Houaiss, e também com as delegações dos novos países africanos. De tal modo, que todas as bases desse texto foram aprovadas por unanimidade dos presentes.

Em simultâneo, com essa atividade científico-pedagógica, Cintra desenvolvia intensa **atividade de cidadania política**, motivada não só por colegas e amigos que combatiam o regime político em vigor, mas principalmente por ser conduzida por uma sincera e coerente convicção, inspirada, sem dúvida, no “aggiornamento” do Concílio Vaticano II e pelas encíclicas papais que se lhe seguiram. É que Cintra tal como confessou em entrevista dirigida por José Mattoso, em 1989, à revista *Penélope*: “realmente era um católico tradicional que tinha herdado a religião da família”.

Acresce a esta razão de fundo o facto de, a seguir ao Concílio que agitou também social e politicamente as consciências, surgirem várias encíclicas concretizando essas diretrizes.

Assim, no curto espaço de seis anos, três grandes encíclicas abalaram não só o mundo cristão mas também muitos de ideias contrárias: a *Mater et Magistra*, de João XXIII, em 1961, que entre outras coisas reivindicava salários justos, auxílio aos povos então chamados subdesenvolvidos e, sobretudo, as obrigações do Estado quanto à segurança social; dois anos depois, do mesmo papa, a encíclica *Pacem in Terris* que, entre outras propostas, advogava o banimento das armas nucleares, reconhecendo ainda a entrada da mulher na vida pública, e prevendo: “Num futuro próximo já não haverá povos que dominem os outros, nem povos que obedeçam a potências estranhas.” Ideias estas que, aliadas ao facto de Paulo VI receber os líderes independentistas das nossas colónias, animaram, especialmente, a oposição.

Deste modo, as aspirações à liberdade de opinião, justiça social nas colónias, oposição ao armamento nuclear tornaram-se a cobertura ética para crentes e não crentes se comprometerem com a mudança necessária, conciliando a militância geral, e especialmente a militância cristã, com a ação política.

Com efeito, em reforço da geral motivação de oposição política, muitos católicos se integraram em movimentos como o da Conspiração da Sé, da cooperativa Pragma, das reuniões da capela do Rato sobre a guerra colonial, dos “cristãos para o socialismo”, das ideias propostas pela revista *O Tempo e o Modo*...

Embora Cintra não liderasse ou participasse em todas estas instituições e iniciativas, por todas elas se interessava ou em algumas intervinha. Em razão de amizade ou convivência, porque se relacionava com Pereira de Moura, Benard da Costa, Nuno Teotónio Pereira, Nuno Bragança, Joana Lopes, Maria da Conceição Moita, Alçada Batista, Sousa Tavares, etc.

Ficaram especialmente memoráveis nesta ação cívico-política, na crise académica de 62, a solidariedade com muitas centenas de estudantes barricados na cantina da Cidade Universitária, protestando e cantando baladas de Zeca Afonso, que a polícia cercou, interrogou, suspeitou. Um pouco mais tarde, no Campo Grande, chegou a sofrer uma carga policial.

Episódio este que Cintra assim lembra na já citada entrevista: “A partir de 62 foi um choque muito forte. Depois da crise académica não voltei a ser o mesmo homem que era antes. Há um período da minha vida que termina nessa altura e outro que começa. Ganhei uma consciência ética mais do que política, ao defender os estudantes, ao ver como os direitos fundamentais da expressão e associação eram tratados por ocasião da celebração do Dia do Estudante. Fui até ao ponto de me expor nas ruas, interpondo-me entre os estudantes e a polícia. Agi junto dos colegas no sentido de que aderissem ao movimento dos estudantes. Tornei-me dentro da universidade um ponto de referência para muita gente no que dizia respeito à atitude a tomar.”

Ficaram também igualmente memoráveis a assinatura de uma carta ao Presidente da República em protesto pelo encerramento da Pragma, a sua integração na “Associação para a Liberdade da Cultura”, a sua orientação do debate em homenagem a Luther King no salão da igreja de Santa Isabel, onde eram frequentes debates e mesas-redondas sobre temas agora apelidados de “fraturantes”, com a presença “discreta” de elementos da PIDE ao fundo da sala, registando o evento e tomando devida nota dos intervenientes.

De não menor valor foi também a sua colaboração na revista *O Tempo e o Modo*, de Alçada Batista, entendida como lá escreveu em 1964, no seu número 12: “O aparecimento de *O Tempo e o Modo* é, por si só a confirmação de que é preciso e possível vencer a tendência quase inevitável para *inquietação inativa*, e ir para frente, por mais obstáculos que se levantem e por mais sacrifícios que exija uma atividade inquieta.”

Por toda esta militância, por vezes quixotesca, e não livre de uma certa ingenuidade, Cintra tornou-se uma bandeira, sobretudo para os universitários, unindo os ideais da liberdade a uma razoável contenção de processos.

Paradoxalmente, quando chegou o 25 de Abril, não foi convidado para nenhum cargo político ou universitário de relevo, continuando, porém, a servir dedicadamente a Universidade, ao vencer as eleições da Faculdade de Letras para liderar uma Comissão de Gestão que a governasse. Por algum tempo ainda integrei essa comissão de reduzi-das competências, pois o verdadeiro poder estava na “rua” da Faculdade, à mercê de múltiplos plenários de Escola, de alunos, de departamento, do secretariado de professores, em votações de braço no ar, quer se tratasse de “saneamentos” de professores, quer de currículos. Só a legislação do Ministro Sotto Mayor Cardia, a partir de 1978, foi capaz de restabelecer a democracia e ordem.

Em conclusão, não é possível, nem seria justo, nas celebrações do centenário da Universidade, deixar de as associar a um dos seus membros mais prestigiados, que tanto a honrou, quer pela sua sua competência científica, quer pelo seu caráter e frontalidade. ▀